



De São Paulo a Madrid. Das mediações à mediatização

From São Paulo to Madrid. From Mediations to Mediatization

Christa Berger^(*)

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Brasil

Resumen

Descrevo, neste texto, meu encontro com a obra de Martín Serrano na busca pelo entendimento do conceito de mediação. Descrevo, também, como esse conceito contribuiu para o esclarecimento do meu objeto de estudo na tese de doutorado chamada *Campos em confronto: a terra e o texto*. Estudei a relação entre o Movimento Sem Terra (MST) e Zero Hora (ZH), o jornal de referência no Rio Grande do Sul. As relações conflitivas entre os movimentos sociais e a imprensa foram trabalhadas na perspectiva da noção de campo de Pierre Bourdieu que propicia vincular o lugar da produção social com o lugar da produção simbólica. Na sociedade em que os Meios de Comunicação têm a função de dar visibilidade e legitimidade aos fatos sociais a observação de como a imprensa dá a conhecer um movimento social reivindica-

Abstract

In this text, I describe my encounter with the work of Martín Serrano with the aim of achieving a full understanding of the mediation concept. I also describe how this concept has brought light to the object of study of my doctorate thesis: *Land and text*. I study the relationship between the Movimento Sem Terra (MST) and Zero Hora (ZH, the leading newspaper in Rio Grande do Sul). The conflictive relations between the social movements and the press were studied from Pierre Bourdieu's concept of field. This perspective allows me to think about social production as a place of symbolic production. In a society in which the mass media have a role of making visible and legitimating social events, there is a need to learn about how the press informs about a protest social movement. Here, I use Martín Serrano's

tório solicitava ir ao discurso do jornal. Aí é que entra o conceito de mediação de Martín Serrano. Argumento que há sintonia entre as noções de campo e de mediação. Por fim, pergunto, no texto, sobre a potencialidade do conceito quando a sociedade não só é mediada pela comunicação, mas está em processo de midiaticização.

Palabras clave: imprensa, movimentos sociais, Bourdieu, mediação, Brasil.

concept of mediation together with Bourdieu's field. Finally, I also ask about the possibilities of the concept when society is not only mediated by communication, but by a process of mediatization.

Keywords: press, social movements, Bourdieu, mediation, Brazil.

Voltei no tempo ao receber o convite do prof. dr. Vicente Baca Lagos para participar, com um texto, das comemorações aos 30 anos do livro de Manuel Martín Serrano *La mediación social*. Conto em quatro partes meu encontro com a obra, os usos que fiz da teoria e os desdobramentos que chegam aos dias de hoje.

1. A DESCOBERTA

Ouvi falar ao mesmo tempo do conceito de Mediação e do prof. Martín Serrano. Era 1990 e eu ingressava no doutorado em Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo com um projeto de tese para estudar as relações entre o Movimento Sem Terra (MST) e a imprensa. Eu não queria observar o discurso jornalístico sobre os Sem Terra, queria entender o que acontecia entre os participantes do Movimento e os jornalistas, entre as duas instituições inevitavelmente relacionadas já que os primeiros ao agir protagonizavam acontecimentos que os segundos transformavam em notícia. Para mim estava se delineando um fenômeno novo na sociedade brasileira: os Movimentos Sociais aprendiam a considerar a imprensa como espaço indispensável de interlocução com a sociedade e a imprensa assumia um lugar destacado no enquadramento dos acontecimentos orientando as respostas políticas do governo bem como a opinião dos leitores.

Com que conceitos, com que método devia me aproximar deste problema de pesquisa que buscava compreender a inter-relação entre os sujeitos e as instituições onde uns militavam e outros exerciam a profissão de jornalista?

Minha orientadora, profa. dra. Maria Immacolata Vassalo Lopes, sugeriu o livro de Jesús Martín-Barbero *De los medios a las mediaciones*. Em grandes rasgos era o que eu buscava -queria complexificar a relação entre os meios e a sociedade e a idéia de mediação parecia muito apropriada-. No livro uma rápida passagem () e um nome na bibliografia me chamaram a atenção. Por formação gosto de ir às origens, buscar filiações, conhecer o começo. Descobri que o começo da introdução do conceito de mediação para a comunicação se encontrava no departamento de comunicação social da Universidad Complutense de Madrid.

Sem a internet que no novo século nos facilita as buscas, não tive muito sucesso na localização dos textos do autor. Li o artigo “La mediaci-

ón de los medios de comunicación” publicado no volume da *Sociología de la comunicación de masas*, organizada por Miquel de Moragas Spá e fiquei convencida de que ali havia um caminho a seguir. Pedi uma bolsa ao CNPq, recorri a uma amiga que estava em Madrid para fazer contato com o prof. Martín Serrano; de ambos, recebi resposta positiva e assim fui por três meses pesquisar na Complutense.

2. O ENCONTRO

Guardei todos estes anos o caderno em que fiz anotações das leituras e encontros com o prof. Martin Serrano sem imaginar que voltaria a ele em uma circunstância de homenagens e comemorações. Na contracapa, ocupando o lugar de uma epígrafe, reproduzi uma frase de sua autobiografia intelectual publicada na revista *Antrophos*, no número em que ele foi tema monográfico. “Si su curiosidad y su cortesía le animan a seguir leyendo, encontrará en estas líneas datos de una experiencia vital individual, y, sin embargo, común con otras personas de mi edad y de mi entorno. Generación llamada de postguerra, que para mi desaparecido amigo Martín Santos, lo fue el tiempo del silencio, cuyos protagonistas, como los Trobiant de Sartre, cada cual a su manera trató de hacer algo consigo mismo a partir de lo que con nosotros se hizo”. Abaixo, escrevi: ele é sensível à relação indivíduo/sociedade, devo ficar atenta para ver se, e como, esta relação aparece na sua teorização sobre a comunicação.

O levantamento das publicações do professor me ocupou os primeiros dias de Madrid (tenho referências identificadas) para, frente à quantidade, decidir que, se meu interesse era compreender a Mediação, deveria selecionar e me dedicar às obras sobre o tema: o livro *La mediación social*, os artigos “Nuevos métodos para la investigación de la estructura y la dinamica de la enculturización” e “Un modelo metodológico para investigar los efectos socioculturales de los media” e, por fim, o texto publicado no México, “La Producción de Comunicación Social”.

Entendi destas leituras que o autor abria um novo campo de estudo nas Ciências Sociais com a introdução do conceito de mediação para explicar as alterações provocadas pela televisão na visão de mundo dos franceses, que ele pesquisara para a obtenção do título de doutor. Oferecia uma teoria da Mediação Social e propunha uma metodologia para ir a campo -o método de análise das representações dos relatos e o método de

análise da forma identificadas como operações de mediação-. Partia da hipótese de que os Meios de Comunicação de Massa afetam os processos cognitivos das audiências porque oferecem junto com os relatos dos acontecimentos, modelos de representação do que acontece e como estes devem ser lidos. Estas tarefas comunicativas dos MCM, para Serrano, são operações de mediação, separadas para fins de análise em mediação cognitiva e mediação estrutural. A mediação cognitiva operando sobre os relatos, oferece às audiências modelos de representação do mundo e a mediação estrutural oferece modelos de produção de comunicação.

As perguntas que fiz a ele estão registradas no caderno e buscavam esclarecer:

1. O senhor afirma que toda obra teórica pressupõe um modelo geral que o autor adquiriu ao longo de seus estudos como ponto de vista para acercarse de seu objeto. A sua obra construiu o conceito de Mediação, pergunto: a que modelo corresponde já que há referências da cibernética, da teoria dos sistemas e do marxismo?
2. A mediação é um paradigma que trabalha com o intercâmbio entre entidades materiais, imateriais e acionais. Como modelo teórico é dialético, enfatiza as contradições, mas me parece que como modelo metodológico corresponde ao funcionalismo. Não há uma contradição aí?

Não tenho anotadas as respostas. Tenho lembrança da longa explicação que recebi e me acompanhou vários dias na também longa caminhada de volta da Complutense passando pela Gran Via, pelo paseo del museo do Prado até a calle Barcelona onde morava.

3. A MEDIAÇÃO NA TESE

O objetivo da tese era estudar as modalidades de relacionamento entre imprensa e movimentos sociais, concretizando em um jornal, *Zero Hora*, e um movimento, o Movimento dos Trabalhadores Sem-terra. A articulação teórica para dar conta desta relação articulava o conceito de campo de Pierre Bourdieu com o de mediação de Martín Serrano.

Bourdieu ensinou que a noção de campo vem ao encontro da necessidade de vincular o lugar da produção social com o lugar da produção

simbólica reconhecendo a importância que adquire o campo em que a produção simbólica se realiza. Na sociedade analisada, os Meios de Comunicação têm a prerrogativa da produção simbólica. Por eles passam os demais campos sociais e é ali que se dá um sentido para o mundo. Na passagem dos demais campos pelo campo midiático se realizam as mediações institucional, estrutural e cognitiva propostas por Serrano. Na seleção dos acontecimentos se dá a mediação institucional; na relação entre os agentes se dá a mediação estrutural. O campo da mídia informa aos demais campos seu modelo de produção de comunicação e os agentes dos demais campos que querem ter visibilidade devem submeter-se a sua lógica. Já os acontecimentos ao serem relatados são também enquadrados em um modelo de representação que informa uma particular visão de mundo, correspondendo à mediação cognitiva.

A aplicação da noção de campo ao meu objeto empírico mostrava que a atuação dos agentes dos campos não era sem conflitos. As ações e os sentidos estavam constantemente em disputa entre o campo político e o campo do jornalismo. O MST, por exemplo, sabia da importância de constar na pauta da mídia, mesmo correspondendo ao processo produtivo da comunicação hegemônica e sendo modelado pela representação que a mídia fazia dele. A análise das relações entre os agentes dos dois campos materializou-se nas matérias publicadas no jornal. Entre 1990 e 1993 o jornal *Zero Hora* publicou 1.227 matérias sobre o MST. Foram 18 ocupações e houve um conflito entre policiais e militantes no centro da cidade em que um soldado foi morto. Pesquisei os sentidos atribuídos pelo jornal aos sem-terra considerando o MST como um subgrupo do campo político, que se relacionava com os demais grupos políticos através do campo do jornalismo. As camadas de aproximações entre os campos identifiquei como operações de mediação a partir da teoria das mediações de Serrano.

Digo na tese: “Manuel Martín Serrano considera a mediação um fenômeno social contemporâneo e, ao mesmo tempo, propõe a mediação como modelo de análise. No livro *La mediación social* (1978) afirma que é a teoria da mediação quem legitima a teoria da comunicação. E no livro *La producción de la comunicación social* (1989) ele explica e aplica seu modelo de análise. Há três operações mediadoras: a mediação institucional (quando os acontecimentos são selecionados), a mediação cognitiva (que diz respeito aos relatos que oferecem modelos de representação do mundo) e a mediação estrutural (que se refere aos modelos de produção dos relatos e é onde a mediação cognitiva adquire visibilidade)”.

A mediação institucional se evidenciava nas 1.227 matérias sobre o MST -estas foram selecionadas para constar do jornal-. Cheguei à mediação estrutural descrevendo o lugar que as matérias ocupavam nas páginas do jornal, as fotos, as ilustrações e o gênero para, então, analisar a mediação cognitiva e chegar ao modelo de representação que o jornal oferecia sobre o Movimento. Concluí que o modelo que sustentava a seleção dos acontecimentos, a posição na página e a escolha das palavras para produzir a notícia correspondiam à visão de mundo dos proprietários. O não cumprimento da lei, o respeito e a defesa da propriedade privada eram as referências para a produção da notícia e faziam o campo do jornalismo aliado do campo político dominante. Ao descrever a principal ação dos sem-terra o jornal optou sempre pelo lexema invadir, que significa “tomar aquilo que não nos pertence” e é um ato ilegal, ao invés de usar a alternativa ocupar (verbo empregado pelo movimento) que remete ao sentido de “estar em lugar devoluto” e é uma ação que não transgride a lei.

A análise das matérias concluiu que os agentes do campo político foram identificados a partir de um modelo de representação do mundo que corresponde à divisão das classes sociais no modo de produção capitalista. Assim, os sem-terra invadem, resistem, ameaçam, degolam; os proprietários produzem, trabalham, respeitam as leis; o governo busca soluções, negocia; a Justiça julga o mérito e a procedência das ações.

O trabalho se chamou *Campos em confronto: a terra e o texto*. A questão da terra pertence ao campo político como o discurso informativo pertence ao campo do jornalismo e estão em constante disputa, pois a terra ocupada pelos sem-terra chega ao governo como terra invadida ao passar pela representação que o jornalismo faz da ação.

Trabalhando o conceito de mediação na direção do meu objeto de estudo encontrei outras possibilidades de aplicação. Por exemplo, a terra também é mediação, comunica sentidos e nela estão contidas visões de mundo. A terra é mediação, pois esteve na passagem da condição de imigrante para brasileiro; de despossuído para proprietário; de excluído para cidadão. E segue sendo mediação no percurso inverso, quando pela ausência dela faz o perdedor individual tornar-se militante engajado propiciando a ação política organizada. De operação mediadora proposta por Serrano desloquei o sentido para instância mediadora. Instâncias como a terra, o MST e, inclusive, a memória de lutas passadas (que informa possibilidades

de organização) são instâncias de mediação que propiciam o reconhecimento das operações de mediação: institucional, estrutural, cognitiva.

Com a pesquisa realizada no Brasil confirmei o que havia estudado em Madrid. A mediação é um fenômeno vinculado aos processos de comunicação, é uma teoria social, um conceito operativo, uma categoria de análise. A tese foi publicada em 1996 pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a capa ilustrada por uma imagem dos colonos em posição de alerta do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado.

4. A MIDIATIZAÇÃO

Penso que o conceito de mediação está em sintonia com a noção de campo e eles propiciam a compreensão do funcionamento e da lógica da cultura de massas e do capitalismo em sua fase industrial. Os meios de comunicação mediam os campos sociais e são instrumentais na organização da sociedade. Temos diversos indicadores de transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea e dizem respeito à comunicação, ou melhor, ela está no centro das mutações. A introdução de novidades tecnológicas provocando mudanças no tempo e no espaço oferece junto com uma nova racionalidade uma outra lógica para a cultura: a tecnocultura propicia uma tecnointeração na sociedade capitalista pós-industrial designada como transparente, midiatizada, do conhecimento, da modernidade tardia ou líquida.

Enquanto a cultura de massa tratava os meios como transportadores de sentido, de mensagens de interação entre produtores e receptores, a cultura midiática não é instrumental, mas constitutiva da estrutura social. Ela deixa de ser veiculante, de representação para ser vicária, organizativa, formuladora e formadora de um novo bios: “o bios midiático, modificado na origem, geneticamente transmutado”, como afirma Muniz Sodré (2002).

Com a midiatização da sociedade está em processo um outro modo de pensar, uma outra forma de estruturação das práticas sociais, constituindo-se como matriz de outra racionalidade e de outro desenho das interações. A mídia, nesta sociedade, é a instituição mediadora onde se legitimam outras instituições e se outorga sentido às mediações. A mídia não media os outros campos sociais, mas os midiatiza, enquadrando todos -a política, a religião, a cultura, a educação, as relações afetivas e parentais- em sua

lógica e funcionamento. As tecnologias da informação constituíram um regime espaço-temporal onde a imposição da imediatez e a aceleração da informação se transformam em categorias de valoração.

A mídia é a medida de todas as coisas, já não há disputa de sentidos, nem campos em confronto. A mídia abocanhou todos os campos, midiatizando a experiência, transformando-se em matriz da estrutura social e da estruturação do indivíduo. Muitos autores que hoje são estudados nas escolas de comunicação propõem este caminho de análise.

Penso que o movimento que vale a pena observar, já situados no século XXI, é do deslocamento da mediação para a midiatização. A mediação descrita por Serrano como institucional, e cognitiva vale para a sociedade em que os meios têm função de representação, em que os campos sociais têm autonomia e o campo da comunicação apenas se diferencia pelo seu poder simbólico. Parece, no entanto, que a mudança de estatuto do campo da comunicação para o campo midiático traz novos problemas para o campo de estudo da comunicação. O objeto de estudo das Ciências Sociais é a sociedade na qual os meios de comunicação ocupam um lugar de controle, de poder, de mediação. Para estudar o “cambio epocal” há a proposição de uma nova disciplina –a Midiologia– que estuda a sociedade a partir da mídia.

Outra vez, tenho perguntas ao prof. Martin Serrano, como tive em 1993. Agora poderia lhe escrever um e-mail e ler sua resposta na tela do computador aqui em Porto Alegre. Poderíamos iniciar uma tecnologia de interação e a experiência de caminhar pensando em suas respostas pelas ruas de Madrid.

1. O que pensa da proposição desta nova disciplina, a Midiologia?
2. Como descreve as mutações que atravessam a sociedade contemporânea?
3. Qual a contribuição da teoria da mediação para a análise do processo de midiatização da sociedade?
4. Se considera pertinente a compreensão da passagem da mediação para a midiatização, esta pode ser entendida como uma continuidade, uma descontinuidade ou uma ruptura?

PARA CITAR ESTE TRABAJO EN BIBLIOGRAFÍAS:

BERGER, Christa (2008): “De São Paulo a Madrid. Das mediações à midiatização”, *Mediaciones Sociales. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*, nº 2, primer semestre de 2008, pp. 3-12. ISSN electrónico: 1989-0494. Universidad Complutense de Madrid.

Disponible en: <http://www.ucm.es/info/mediars>

(*)La autora

Christa Berger, professora titular e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do CNPq. Linha de Pesquisa: Linguagem e práticas jornalísticas.

Publicações:

- *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1996.

- *Jornalistas no Cinema*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002.

- *A era Gracial do Jornalismo * teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.